

2.

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DE DEUS

Para o cristão, toda experiência de Deus depende e, de certo modo, deriva da experiência que Jesus teve de Deus.

O cristianismo teve início a partir de uma experiência salvífica feita com Jesus Cristo por parte dos primeiros discípulos. Esta experiência exigiu uma partilha de vida, um seguimento, um discipulado existencial e não teórico. As Escrituras Sagradas apenas tematizam os vários elementos presentes nesta experiência, a fim de torná-la acessível a outras gerações. E toda a rica tradição da Igreja representa, no fundo, a sedimentação das experiências de nossos antepassados na fé.

Com a morte e ressurreição de Jesus, nossa experiência salvífica com Ele se faz através de seu Espírito, presença do Cristo glorificado entre nós. A atuação do Espírito de Cristo em nós é fundamento último de nossa fé e a força contínua do nosso caminhar cristão.

Toda experiência autêntica do Espírito é constitutivamente cristológica, não podendo prescindir nem se opor à experiência concreta de Jesus Cristo. Toda a ação do Espírito é de nos configurar a Ele.

2.1.

Noção de Experiência

A palavra experiência é uma das mais discutidas e difíceis da tradição ocidental. E aqui não é o lugar de desdobrar o leque de seu rico significado. Esta pesquisa vai focar no essencial que nos permite articular Deus como experiência dentro de nossa história.

A etimologia da palavra experiência pode nos ajudar à compreensão. Experiência é a ciência ou conhecimento (ciência) que o homem adquire quando sai de si mesmo (ex) e estuda o mundo por todos os lados (peri). A experiência não é um conhecimento teórico ou de livros. Mas é adquirido no contato e no sofrimento da realidade que se opõe ao homem¹. Ao apropriar-se da realidade, domesticando-a, o homem aprende. O resultado do encontro

¹Cf. SACRAMENTUM MUNDI. *Enciclopedia Teológica*. Tomo III. Barcelona: Editorial Herder, 1976, p. 74.

com o mundo, onde dá de si, destrói representações que tinha do mundo, recebe elementos novos e elabora uma nova representação mais conveniente com a realidade, é a experiência, riqueza incomunicável que autoridade ao homem experimentado². O saber é um saber verificável que se fez verdade concreta e vital. Abertura, despojamento de pré-conceitos e de ideias prontos são condições indispensáveis da experiência. Fechar-se à experiência é negar-se ao questionamento, à chance de enriquecimento e revela atitude autoritária e ideológica, portanto manifesta um saber não verificável que não subsiste nem resiste em contato com a realidade experimentada³.

A ciência que resulta da experiência não é mera sensação de um objeto. É a síntese de toda uma série de abordagens do objeto (peri = ao redor de, em torno de). Pela experiência do objeto se faz cada vez mais presente dentro do ser humano, na medida em que ele se abre mais e mais ao objeto e estuda-o em diferentes ângulos. Um profissional experimentado é aquele que se confrontou muitas vezes com a mesma situação sob as mais diferentes formas e circunstâncias a ponto de não mais se surpreender ou se enganar. Ele conhece simplesmente. Não tanto porque estudou em livros, mas porque esteve às voltas, concretamente, com tais situações e conhece bem. É modelo testado e aprovado⁴.

O sema Ex é uma preposição latina que significa, entre outros conteúdos, estar orientado para fora, exposto a, aberto para, como, por exemplo, existência. Neste sentido, ex exprime uma característica fundamental do ser humano como existência. Ele é um ser que existe voltado para fora (ex), em diálogo e em comunhão com o outro mundo. Daí ser a experiência não apenas uma ciência, mas uma verdadeira consciência⁵. O objeto se manifesta à consciência do ser humano, segundo as leis estruturais desta consciência. A experiência nunca está sem pressuposições. A consciência tem já pressuposições, que são posições tomadas historicamente. A consciência não é vazia, mas herda já modelos de interpretação do passado, da sociedade atual e da própria caminhada pessoal. Estes povoam sempre a consciência. Quando o ser humano sai de si (ex) e vai ao encontro dos objetos ele carrega toda esta carga⁶. A experiência contém, pois, um elemento subjetivo (a existência) e um elemento objetivo (os

²Cf. *Ibid.*, p. 74.

³Cf. *Ibid.*, 74.

⁴Cf. EDWARDS, Denis. **Experiência Humana de Deus**. São Paulo: Ed. Loyola, 1995, p. 21.

⁵Cf. *Ibid.*, p.21.

⁶Cf. *Ibid.*, p.22.

objetos). Nesse encontro de ambos, na modificação que se opera tanto na consciência como nos objetos é que se estrutura a experiência. Os modelos já presentes na consciência são confrontados, verificados e testados com a realidade. Podem-se confirmar; mas podem também ser destruídos, corrigidos e enriquecidos⁷.

Em uma análise filosófica, experiência expressa um conhecer que não procede em primeira linha de pensar discursivo, mas antes de tudo do perceber imediato de uma impressão ou vivência⁸, sem deixar de incluir aquele que faz a experiência. Todas as experiências podem ser descritas, mas não é possível repeti-las com o fito de reproduzi-las no seu conteúdo imediato, como também não é possível transmiti-las inteiramente através de mediação racional; elas se apóiam numa espécie de “revelação”⁹. Trata-se de uma percepção direta de algo que provoca grande certeza fundada numa evidência específica. Esta percepção tem sua dimensão intelectual, mas por si, implica todo o ser humano (inteligência, vontade, sentimentos, imaginação, corporeidade)¹⁰.

Experiência é o modo como nós interiorizamos a realidade, como nos situamos no mundo e o mundo em nós. Ela possui o caráter de um horizonte que nos permite descobrir os distintos objetos dentro dela, nomeá-los, ordená-los no rigor de uma sistematização.

Toda experiência humana, enquanto humana, é um fenômeno captado e percebido pelo ser humano. E não é só percepção, mas também o pensamento que a entende como tal. Toda experiência humana é experiência interpretada. Eu experimento interpretando, experimento identificando o experimentado¹¹. A experiência influi na interpretação e a suscita, mas também o quadro interpretativo influi na experiência. A experiência é outra, se é diversamente interpretada.

O modo como os seres humanos se fizeram presentes no mundo e fizeram o mundo presente neles variou ao longo da história. O quadro interpretativo implica modelos de pensamento, teorias, valores, sentimentos, expectativas, que constituem a linguagem da época¹². O experimento, a interpretação e a linguagem ou quadro interpretativo se condicionam

⁷Cf. SACRAMENTUM MUNDI. *Op. cit.*, p. 74.

⁸Cf. *Ibid.* p. 75.

⁹Cf. EICHER, Peter (Dir.) **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Ed. Paulus, 1993.

¹⁰Cf. MIRANDA, Mario França. **Inculturação da Fé**. São Paulo: Ed. Loyola, 2001, p.66-69.

¹¹Cf. *Ibid.*

¹²Cf. *Ibid.*

mutuamente, vindo a constituir a experiência humana. Esta enquanto humana, é necessariamente de época, situada, numa palavra, histórica. Embora a realidade experimentada seja a mesma, tanto a experiência com ela como sua expressão são historicamente condicionadas. Essa afirmação vale também quando essa realidade consiste na ação salvífica de Deus¹³.

2.2.

Experiência de Deus

Todo ser humano pode ser educado a ouvir a voz da consciência e as vozes da vida, e a perceber nelas o eco do chamado divino à salvação e a graça. A maneira concreta em que ocorre cada chamado pessoal à salvação e os caminhos concretos de acesso ao mistério pascal de Cristo foram reservados à obra e à imaginação do Espírito¹⁴. A possibilidade e a realidade desse chamado, em contrapartida, são descritas pela teologia contemporânea com categorias diferentes. Para esse trabalho vamos nos ater na categoria usada pelo nosso autor, Karl Rahner, que é a da experiência transcendental de Deus e da sua graça.

Experiência de Deus para Rahner significa de um lado que aquilo que nós indicamos com o nome 'Deus' é uma realidade com a qual somos confrontados, ou seja, que o ateísmo, o positivismo cético (que reduz o homem a meros dados cientificamente acessíveis), a teologia do afastamento absoluto de Deus, a teologia da 'morte de Deus', na compreensão comum, estão errados, não dizem a verdade sobre o ser humano e sobre a realidade do ser humano. Por outro lado, 'experiência de Deus' significa que, além do conhecimento de Deus por intermédio das chamadas 'provas', cuja importância e possibilidade não se deve certamente negar, existe algo mais, diferente e mais fundamental, em relação ao qual as provas são possíveis e têm sentido só como a experiência de Deus, seu fundamento básico e originário¹⁵. Esta não deve ser entendida como uma experiência particular ao lado de outras, como a sensação de dor fisiológica poderia ocorrer paralelamente à experiência de um procedimento visual em ação. A experiência de Deus constitui a profundidade última e a dimensão radical de toda experiência pessoal espiritual (do amor, da fidelidade, da esperança) e

¹³Cf. **Ibid.**

¹⁴Cf. **GS**, 22

¹⁵Cf. RAHNER, Karl. Esperienza di Dio In **NuoviSaggi**, Paoline:IV Roma, 1972, p. 221.

com isso constitui a totalidade originariamente indivisa da experiência, na qual a pessoa espiritual é senhora totalmente de si e se sente entregue a si mesma¹⁶.

Essa experiência transcendental de Deus não é algo excepcional, reservado a uma elite, a poucos afortunados, que se percebe e se manifesta no caráter extraordinário dos fenômenos e no caráter excepcional das situações, mas algo mais comum, normal, pessoal que ocorre na vida de qualquer ser humano. Ela é acessível, fundamentalmente, a qualquer ser humano que usa honestamente as suas faculdades de inteligência e de liberdade, e talvez não seja errado, fazendo uma antecipação profética, dizer que a existência hoje típica, que progressivamente realizará a mediação (da experiência de Deus), não é tanto a do santo e a do sábio dedicado à contemplação, e sim a existência do indivíduo que, sem impulsos patéticos, sem palavras eloquentes, suporta o peso solitário da sua responsabilidade e vive altruisticamente para o próximo¹⁷. Por isso, se um ser humano é privado de sua liberdade, mesmo se essa privação de liberdade se chama escravidão da fome, que obviamente impede qualquer outra atividade, ou se é privado de seu conhecimento, porque é mantido na ignorância e na imaturidade, de fato, esse ser humano é privado do próprio Deus. A promoção da experiência de Deus e a libertação e a promoção de qualquer forma de humanidade não devem nunca ser desvinculadas, mas caminham lado a lado¹⁸.

O que acontece propriamente na experiência de Deus? A partir da tese filosófica preferida de Rahner, segundo a qual o ser humano por natureza se transcende, pode-se dizer que o ser humano, no seu conhecimento e na sua liberdade, possui as coisas que conhece e encontra as pessoas que quer, mas ao mesmo tempo, em cada um de seus atos de conhecimento e em cada um de seus atos de liberdade e de vontade, vai além das coisas e das pessoas que conhece e que encontra, que visita e que ama¹⁹. O movimento interior do nosso espírito e da nossa liberdade, o dinamismo profundo do conhecimento e do amor é ilimitado, e o horizonte desse dinamismo não tem limites. Rahner atribui ao infinito que nosso conhecimento e nossa liberdade exigem nomes familiares à mística: a noite, o deserto, “o mar infinito do mistério sem nome”. Essa experiência transcendental do infinito, do Absoluto, do mistério aparentemente sem rosto e sem nome é a própria experiência de

¹⁶Cf. **Ibid.**, 222.

¹⁷Cf. **Ibid.**

¹⁸Cf. RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: Taurus Ediciones. 1967, p. 15.

¹⁹Cf. **Ibid.**

Deus, a própria experiência do espírito, a graça que se antecipa, que salva, que doa²⁰.

Todo ser humano está sob o signo de uma realidade inevitável que é o mistério, porque experimenta a si mesmo como sujeito do ininterrupto ir além de si mesmo, para uma realidade não apreensível que, justamente por ser desse modo, pode ser definida como infinita e coincidente com o mistério puro e simples:

O mistério, de fato, como condição de toda atividade de compreender, distinguir e coordenar, não pode mais ser experimentado no mesmo modo de que o próprio mistério é a condição. É dado como mistério permanente. Essa experiência originária, fundamentada por nada, embora mediada pela compreensão de um objeto concreto, não pode ser explicada senão através de si mesma. É a experiência do mistério que permanece, que é dado desde sempre e justamente assim constitui o incompreensível e o único imediatamente compreensível²¹.

Essa experiência, aparentemente muito abstrata, existe em forma anônima e na falta de expressão em cada ato espiritual, e torna-se mais clara e de certo modo temática nos acontecimentos nos quais o ser humano é obrigado a se confrontar consigo mesmo, ou seja, quando,

O ser humano repentinamente se encontra sozinho, quando todos os detalhes concretos parecem sumir e se dissolver em uma distância muda, quando tudo volta a se tornar incerto, quando o silêncio se torna maior do que o barulho do dia²².

Na prática, isso se verifica quando o ser humano se encontra diante da própria liberdade e da própria responsabilidade, e deve tomar decisões, sem nenhuma saída; quando realiza inesperadamente a experiência do amor e do encontro pessoal, na qual ele é aceito de maneira absoluta e sem condições, embora não consiga encontrar algum motivo para tudo isso nem alguma explicação suficiente desse absoluto que parece em contraste com a finitude e com suas insuficiências pessoais; quando percebe que também ele ama do mesmo modo, com uma coragem incompreensível que lhe permite transpor de improviso e precariedade do outro, quando a morte dirige ao ser humano o seu olhar frio, que tudo atrai no próprio nada, porém, justamente por isso e se aceito voluntariamente, não mata, mas transforma, liberta para aquela

²⁰Cf. **Ibid.**

²¹**Ibid.**,p.16.

²²**Ibid.**,p.22.

liberdade que não recorre nem se apóia em mais nada, mas se torna liberdade absoluta²³.

As variantes da única experiência primordial do ser humano, na qual a abertura de sua existência desemboca na incompreensibilidade do mistério, são inúmeras e podem identificar-se com a alegria, a fidelidade, o desejo, a saúde, a verdade, a beleza, mas todas fazem parte de,

Uma concretude que significa aquela intensidade elementar de uma experiência última e contudo presente por todas as partes na vida cotidiana, na qual o ser humano, sempre ocupado com os pequenos grãos de areia na praia, vive às margens do mar infinito do mistério²⁴.

Nem sempre é possível conceituar ou abordar essa experiência, como, aliás, nem é sempre possível encontrar palavras adequadas para sentimentos profundos e delicados que todo coração nutre e cultiva²⁵. Com frequência, ela permanece no estado de luz difusa que ilumina os objetos particulares da nossa experiência sensível, mas que não é considerada em si mesma. Contudo, na vida humana há algumas experiências concretas nas quais a experiência transcendental de Deus penetra de maneira mais evidente no nosso conhecimento: experiências em que objetos, acontecimentos, pessoas, situações nos orientam silenciosamente para o mistério incompreensível da nossa existência, que envolve, circunda e sustenta cada momento da vida²⁶. Experiências positivas em que a doçura, a bondade, a beleza e a transparência orientam claramente para a luz da vida eterna. E experiências negativas em que as luzes que iluminam a pequena ilha de nossa vida cotidiana se apagam e por isso somos inevitavelmente obrigados a nos perguntar se a noite que nos envolve é o vazio devorador do absurdo e da morte, ou então a noite santa e bem aventurada que, já interiormente iluminada, nos promete o dia eterno²⁷.

Convém esclarecer, contudo, que a experiência do “absoluto”, que constitui em uma espécie de unidade originária a base de todas as diferentes experiências, não pressupõe um conceito claro de Deus, mas o formula e o exprime justamente a partir de si mesma²⁸.

Até mesmo se a palavra Deus caísse no esquecimento, nos momentos decisivos da nossa existência continuaria a se desenvolver silencioso, como

²³Cf. RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. Paulus: São Paulo, 2004, p. 46.

²⁴**Ibid.**, p.86.

²⁵Cf. **Ibid.**

²⁶Cf. **Ibid.**, p.87.

²⁷Cf. **Ibid.**

²⁸Cf. Id. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: TaurusEdiciones. 1967, p. 45.

instância de juízo e liberdade última, e nós inventariamos novamente o antigo nome para pronunciá-lo²⁹.

A experiência de Deus, por outro lado, não deve ser entendida como uma simples atmosfera interior nem como um sentimento incontrolável, porque não se esgota na interioridade pessoal, mas possui uma precisa relevância pública e social³⁰.

A religião, que sempre extrai sua justificação dessa experiência, é uma realidade social mesmo quando o ateu pensa que seria melhor que ela não existisse. A experiência de Deus conservaria a sua importância social mesmo se desaparecessem inteiramente a reflexão conceptual e a institucionalização social desta, ou seja, as religiões. Mesmo nessa situação, o ser humano viveria em um contínuo movimento da própria transcendentalidade rumo ao mistério absolutamente livre, ou seja, a experiência de Deus conservaria a sua eficácia, ainda que de maneira não reflexa, na fidelidade, na responsabilidade, no amor, na esperança, colocando-se acima de todas as justificações particulares de tais comportamentos, os quais, na aparência totalmente apolíticos, privados e não manipuláveis, constituem também o fundamento da realidade social³¹.

2.3.

A Experiência Cristã de Deus

Na Sagrada Escritura, um povo inteiro descreve como, dentro da sua realidade, soube captar, assumir e levar para a frente os apelos de Deus. A proximidade com Deus trouxe uma nova consciência. Descrevendo a história do passado, a Bíblia está interessada em comunicar a todos essa nova consciência, nascida da experiência de Deus. Sendo assim, arruma e apresenta os acontecimentos para manter aberto o caminho que leva ao encontro com Deus³².

A experiência cristã de Deus é a experiência da presença do Mistério numa existência historicamente dada, a existência de Jesus, e na palavra da Revelação que é totalmente condicionada por essa existência histórica na medida em que dela procede e a ela se refere³³.

A experiência cristã de Deus é uma experiência de fé que se articula em termos de uma presença e da sua expressão. A experiência cristã de Deus é a experiência da fé em Jesus Cristo.

²⁹Cf. **Ibid.**

³⁰**Ibid.**, p.46.

³¹**Ibid.**

³²Cf. MÜHLEN, Heribert. **Fé Cristã Renovada**. São Paulo:Ed. Loyola, 1980, p.78-81.

³³Cf. BOFF, Leonardo. **Experimentar a Deus Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974,p.74-89.

A fé cristã testemunha a história de Deus que sendo infinito e transcendente se fez finito e imanente como uma parte de nosso mundo. Celebra a absoluta auto comunicação de Deus e a radical proximidade do Mistério. A proximidade e a auto comunicação são experimentados como amor irrestrito, bondade sem limites, perdão pleno e presença misericordiosa de Deus dentro da própria realidade humana. A vida do homem Jesus é a vida de Deus; o amor do homem Jesus é o amor de Deus; a aceitação e o perdão de Jesus são a aceitação e o perdão de Deus.

A experiência cristã de Deus situa-se dentro do espaço da Cristologia como teologia. Ela se circunscreve toda no âmbito da presença histórica do Revelador e da sua revelação. Há muitos caminhos que levam a Jesus, mas é preciso saber a que Jesus se irá chegar. Um sentimentalismo não é suficiente para nos dar Cristo Ressuscitado, mas sim a força de Deus. E na ressurreição Deus se manifesta, Deus é³⁴.

Devemos destacar o caráter especificamente cristão da experiência de Deus descrita e analisada por Rahner³⁵. À primeira vista, de fato, parece que tal experiência não apresenta nenhum elemento exclusivamente cristão, porque ela jamais faz referência ao cristianismo e à historicidade de sua mensagem. Mas, observando bem,

A profundidade última daquela experiência de Deus que procuramos chamar pelo nome é justamente experiência da inefável proximidade de um Deus que certamente permanece envolto na incompreensibilidade da adoração, mas também continua a ser sempre aquele que, concedendo-se ao ser humano, a ele se comunica em imediação e não permanece só o fim eternamente inatingido do movimento humano. Essa profundidade radical da experiência de Deus é compreendida com clareza, sobretudo no cristianismo, que a define como graça e afirma que ela vitoriosamente se impõe e historicamente se auto proclama em Jesus Cristo. A experiência de Deus, mesmo na sua específica conformação hodierna, não é necessariamente neutra diante do cristianismo, como poderia parecer à primeira vista. Ao contrário, entre as religiões positivas (ou seja, a estruturação histórica e social), o cristianismo realiza tal experiência na forma mais radical e mais pura, tendo dela, em Cristo, a manifestação historicamente convincente³⁶.

O cristianismo, na sua essência autêntica, não é uma religião ao lado de outras religiões, mas

A objetivação historicamente autêntica da experiência de Deus, que em decorrência da vontade salvífica universal existe por todas as partes como graça, na medida em que Deus se participou a todo ser humano³⁷.

³⁴Cf. Mühlen, Heribert. **Op. cit.**, p.78-81.

³⁵Cf. **Ibid.**, p.44.

³⁶RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 52.

³⁷**Ibid.**, p.50.

A tarefa do cristianismo, portanto, consiste, sobretudo em chamar sempre a atenção para tal experiência de Deus, solicitar ao ser humano que a descubra em si mesmo, que a acolha, a professe na sua objetivação verbal e social que, onde é pura e referida a Cristo como seu penhor, define justamente o cristianismo³⁸.

Resumindo, pode-se dizer que toda obra teológica de Rahner tem uma inspiração mística, pelo fato de que ele consegue unir a auto comunicação universal de Deus, como experiência humana fundamental, com a história da salvação; ou seja, consegue unir a experiência pessoal de Deus, própria de cada ser humano, com a experiência histórica dos fatos histórico salvíficos do evento cristão de salvação³⁹. A sua contínua referência aos grandes místicos como a uma fonte teológica, o fato de ele relacionar a uma raiz comum as experiências místicas presentes na profecia da vida cotidiana e as extraordinárias vividas pelos testemunhos privilegiados do absoluto, de vincular a um mesmo denominador comum a experiência de Deus, a experiência de si mesmo, a experiência do próximo, a sua antropologia teológica que tem como ponto de partida a fé cristã vivida e traduzida em valores, de apresentar a diversidade dos mistérios cristãos como derivados do único mistério fundamental de Deus que se auto comunica na história, de respeitar a razão teológica que começa e termina na oração, são todos elementos que deixam à teologia da Igreja um patrimônio original de ideias, motivações, orientações⁴⁰.

A palavra mística é adjetivo de mistério. Os que experimentam o mistério são os místicos. A experiência não se dá apenas no êxtase, mas também, cotidianamente, na experiência de respeito diante da realidade da vida. A mística não é, pois, o privilégio de alguns, mas uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmo; quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do Universo⁴¹.

A mística cristã vai se orientar pelo seguimento de Jesus que implica um compromisso de transformação pessoal e social. Ela não aceita o mundo como está; quer mudá-lo e reconstruí-lo sobre a base da partilha, da

³⁸Cf. **Ibid.**, 50.

³⁹Cf. **Ibid.**, 51.

⁴⁰Cf. **Ibid.**, 52.

⁴¹Cf. CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidad de La Liberación**. Guatemala: Lascasiana, 1993, p. 155-165.

solidariedade, da fraternidade e da veneração face ao mistério da criação. Empenhar-se nesse propósito significa sentir-se um servidor de Deus na história⁴².

A experiência salvífica cristã é constituída pela ação de Deus, manifestada plenamente em Jesus Cristo, vivida na experiência humana.

2.4.

Jesus e sua Experiência de Deus

A experiência de Deus foi central e decisiva na vida de Jesus. A mensagem e a atuação de Jesus não se explicam sem esta vivência radical de Deus⁴³.

O encontro de Jesus com Deus proporcionou uma íntima união com Ele, muitos momentos de silêncio e oração. Essa experiência o impeliu a pregar o Reino, anunciar o perdão, trazer a cura e lutar pela justiça⁴⁴.

A atividade profética de Jesus começou a partir de uma intensa e poderosa experiência de Deus. Ele busca Deus em sua própria existência, se abre para ouvir o que ele tem a dizer⁴⁵. O Deus que fala sem pronunciar palavras. E assim, em seu batismo no Jordão, ela experimenta algo decisivo em sua vida. E impelido por uma força interior, sai a anunciar a todos a irrupção do reino de Deus⁴⁶.

Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: 'Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo'⁴⁷.

O texto é constituído com traços claramente míticos, recurso de quem deseja sugerir uma comunicação de Deus, que vai além das vivências ordinárias⁴⁸.

A experiência ocorre num momento muito especial. Jesus foi ao Jordão de coração aberto e buscando Deus. E humildemente se coloca diante de Deus em disponibilidade total⁴⁹. A experiência original de *Abbá* de Jesus é

⁴²Cf. **Ibid.**

⁴³Cf. PAGOLA, José Antonio. **Jesus**. Aproximação Histórica. Petrópolis: Vozes. 2010, p. 363.

⁴⁴Cf. **Ibid.**, p.364.

⁴⁵Cf. **Ibid.**

⁴⁶Cf. **Ibid.**, p.365

⁴⁷Lc 1, 9-11

⁴⁸Cf. PAGOLA, José Antonio. **Op. cit.**, p. 365.

⁴⁹Cf. SCHILLEECKX, Edward. **Jesus**. A História de um Vivente. São Paulo: Paulus. 2008, p. 255.

“fonte e segredo de sua existência, mensagem e modo de vida”⁵⁰. A experiência de *Abbá* é a fonte e a base para palavras e as ações de Jesus, sua tentativa de viver cada momento em fidelidade confiante à vontade do Pai.

A palavra *Abbá* é a palavra chave na experiência de Deus por Jesus e em sua mediação dessa experiência para seus discípulos. Deus se mostra como um Pai próximo que dialoga com Jesus. É um caráter íntimo e prazeroso desta revelação. O emprego da palavra por Jesus é único e individual. Expressa o âmagô de seu encontro com Deus. Fala de intimidade e familiaridade, de confiança ilimitada e inocente. A consciência única que Jesus tem de sua filiação e sua missão está ligada a sua experiência de Deus como *Abbá*. O mistério de cura e perdão de Jesus, sua atitude para com os mais pobres e os pecadores, seu confronto com os que ensinam um Deus de lei severo e inflexível, seu anúncio da Boa Nova do Reino, tudo isso precisa ser visto em relação direta com sua experiência de Deus. A experiência de *Abbá* é o principal estímulo na vida de Jesus, e é o que lhe permite entregar-se com confiança total em Deus e sua disponibilidade incondicional.

A vida inteira de Jesus transpira esta confiança. Jesus vive abandonando-se a Deus. Tudo faz animado por esta atitude genuína, pura, espontânea, de confiança em seu Pai. Busca sua vontade sem receios, nem cálculos, nem estratégias⁵¹. Não se apóia na religião do templo nem na doutrina dos escribas; sua força e sua segurança não provêm das Escrituras e tradições de Israel. Nasce do Pai. Sua confiança faz dele um ser livre de costumes, tradições ou modelos rígidos; sua fidelidade ao Pai o faz agir de maneira criativa, inovadora e audaz⁵². Sua fé é absoluta.

A confiança que Jesus tem é imensa e o leva a uma certeza de que nada e nem ninguém o afastará do seu caminho que é fazer valer a vontade do Pai, cumprir o projeto de Deus. A lembrança que permaneceu entre seus seguidores não deixa lugar a dúvidas: Jesus vive ao longo de sua vida situações de escuridão, conflito e luta interior, mas mantém-se sempre fiel a seu Pai querido⁵³.

No Jordão, Jesus não vive só a experiência de ser Filho querido de

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p.257.

⁵² Cf. PAGOLA, José Antonio. *Op. cit.*, p 365.

⁵³ Cf. *Ibid.*

⁵⁴ Cf. *Ibid.*

Deus. Ao mesmo tempo sente-se cheio de seu Espírito⁵⁴. Vê que, daquele céu aberto, “o Espírito descia sobre ele”. O Espírito de Deus, que cria e sustenta a vida, que cura e dá alento a todo vivente, vem encher tudo com sua força vivificadora. Jesus experimenta-o como Espírito de graça e de vida. Baixou sobre ele com suave murmúrio, “como uma pomba”. Enche-o não para julgar, condenar ou destruir, mas para curar, libertar de “espíritos malignos” e dar vida⁵⁵.

Deus nasce em sua experiência como libertador. Em um contexto de opressão interior e exterior, Jesus encontra Deus como total libertação. Reino de Deus é a palavra que exprime sua experiência e significa o sentido radical para o mundo, livre do pecado, do ódio, do sofrimento e da morte. Jesus realiza a utopia e diz “o Reino está próximo”⁵⁶ e “já está em vosso meio”⁵⁷.

Jesus experimenta em si a força do Espírito com tanta intensidade que, conduzido pelo mesmo, anuncia o Reino de Deus, não só com palavras mais também por meio de suas ações. Jesus não só prega o Reino, como o representa. Em suas ações, anuncia e celebra o Reino⁵⁸. À medida que congrega discípulos, cura doentes e perdoa pecados, suas ações anunciam a vinda do Reino de Deus. Quando come com pecadores, ele celebra antecipadamente a festa do Reino. Quando enfrenta os que aprisionam Deus em leis humanas, ele o faz em nome de Deus e de sua vontade dinâmica de trazer vida e salvação⁵⁹. É por fidelidade ao reinado ativo de Deus em sua vida que Jesus aceita a própria morte. O Reino é o tema unificador que dá sentido a toda a vida e a morte de Jesus de Nazaré. Em suas palavras e ações, o momento há muito esperado chegou e o Espírito de Deus finalmente derrama-se sobre o mundo. O Evangelho de Lucas descreve Jesus citando Isaías na sinagoga de Nazaré:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento do Senhor⁶⁰.

⁵⁵Cf. **Ibid.**, p.357

⁵⁶Cf. **Ibid.**, p.358

⁵⁷Cf. Mc 1,15

⁵⁸Cf. Lc 17,21

⁵⁹Cf. PAGOLA, José Antonio. **Op. cit.**, p. 368.

⁶⁰Lc 4, 18-19.

2.5.

O Agir de Deus no Mundo

Hoje, o específico de nosso mundo é o saber cada vez mais minucioso e certo, não necessariamente verdade. Tudo é objetividade, isto é, feito objeto do saber humano. O saber lhe confere segurança, porque saber é poder. Poder é subjugar todas as coisas aos modelos do homem⁶¹. Esse saber objetiva tudo: Deus feito objeto ao saber teológico, o próprio ser humano, objeto de estudo de numerosas ciências, o mundo, objeto máximo da pesquisa científica. Desse saber nasceram as ciências e sua aplicação concreta, a técnica. Elas se consideram eminentemente como ciências experimentais e objetivas. O nosso mundo não admite nenhuma força transcendente e misteriosa. Tudo quer desvendar; de tudo quer conhecer as leis de funcionamento; experimenta e controla criticamente a experiência até poder estabelecer uma ciência exata e segura⁶².

O ser humano se preocupa em dar uma explicação aos fenômenos que analisa. Ela se processa com as causas imanentes verificáveis do próprio fenômeno. Depois da explicação, o ser humano se pergunta pelo sentido destas manifestações humanas. A ciência e a técnica são um modo do ser humano se situar no mundo e o mundo no ser humano⁶³. Que significado eles tem? A pergunta pelo sentido abrange a totalidade do fenômeno científico. Da pergunta pelo sentido da vida não se pode afastar. O ser humano pesquisa e transforma o mundo, porque vê sentido nisso, porque se realiza aí, porque consegue realizar uma dimensão humana⁶⁴.

O ser humano é por excelência aberto para o mundo. Para sobreviver, precisa trabalhar. Pelo trabalho transforma o mundo e cria a cultura. A ciência e a técnica constituem as formas mais refinadas de relacionamento do ser humano para com o mundo, fazendo-o cada vez mais sua posse na satisfação de suas necessidades⁶⁵. A abertura do ser humano para com o mundo é uma abertura total⁶⁶. Ela se concretiza no mundo, mas não se exaure nesta concretização. O ser humano é maior do que o mundo. Nele há

⁶¹Cf. **Ibid.**, p. 78.

⁶²Cf. **Ibid.**, p. 78.

⁶³Cf. RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: Taurus Ediciones. 1967, p. 20.

⁶⁴Cf. **Ibid.**, 21.

⁶⁵Cf. **Ibid.**

⁶⁶Cf. **Ibid.**, 25.

uma ânsia infinita. Nele arde um princípio e uma esperança que o impulsiona sempre a criar e a se situar continuamente no mundo, sonhando no sono e na vigília com mundos cada vez mais humanos e fraternos até projetar utopias de suma felicidade e realização.

Só o infinito sacia uma ânsia infinita. A palavra Deus exprime o Infinito da abertura infinita do ser humano. Essa palavra Deus só possui sentido se expressar o correspondente da total abertura do homem.

Deus surge do coração e da latência de cada época. Ele não está fora e sem o mundo; nem se confunde com o mundo. Mas emerge como sentido do mundo. É um Deus real e vivo que está junto de nossa caminhada. Ele aparece como aquele ponto de convergência para onde tendem incansável e inconscientemente todos os nossos esforços. A ânsia infinita do ser humano, por mais infinita que seja, só encontra finitos e só cria, na sua práxis transformadora, finitos. Quanto mais cria e exacerba seu saber e poder tanto mais percebe que o Infinito de sua ânsia não é factível, nem fruto de seu trabalho. Essa realidade vai revelando cada vez mais que o Infinito para o qual o ser humano tende não pode ser reduzido ao ser humano ou a uma categoria humana. Vai aparecendo cada vez mais aquilo que não é ser humano, mas que é mais do que o homem. Emerge a dimensão de mistério como abertura total de compreensibilidade e de futuro.

A partir dessa experiência de Deus em contato com o nosso mundo, podemos olhar com uma ótica diferente para esse mundo. Ele não é mais o mesmo na sua profunda opacidade. Ele se torna revelador de Deus e articulador do Sentido. Ele começa a nos aparecer transparente para Deus. Em tudo isso Deus se vela e revela; se dá e se retrai e vem misturado com todas as coisas. Acolher a Deus que assim nos visita é abrir-se para a dimensão da fé. É crer. E crendo dizemos um Sim radical ao Sentido latente descoberto no mundo em que vivemos.

E como diz Santo Inácio “pois não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente”⁶⁷.

Deus é real e concreto, porque não vive acima e fora do mundo, mas no coração do mundo para além dele; dentro, mas sem se exaurir aí e se tornar uma peça do mundo⁶⁸. Deus só possui um significado real se Ele emergir de

⁶⁷Cf. **Ibid.**, p. 21.

⁶⁸Cf. WEGER, Karl-Heinz. **Karl Rahner**. Uma Introdução ao Pensamento Teológico. São Paulo:Ed. Loyola, 1981. p. 78.

dentro da situação histórica do ser humano; o Deus que irrompe dentro da história⁶⁹.

Deus é o absoluto que surge quando o ser humano radicaliza e vai até à raiz da história que é dimensão na qual o ser humano vive, luta, se confronta, se decide e assume um caminho. Na radicalidade desta dimensão emerge Deus como vida e Força na caminhada. Esse Deus se manifesta quando o ser humano se abre para Ele e se arrisca a experimentá-lo⁷⁰.

É na experiência radical de sua realidade que Deus emerge na consciência do ser humano. É pela experiência de Deus buscado e encontrado no coração da experiência da realidade que esta se torna transparente e se transforma num grande sacramento comunicador de Deus⁷¹.

Todas as experiências que acontecem no cotidiano da vida são articulações da experiência do Mistério. Deus está sempre presente na trama de toda existência. Emerge, torna-se advento e evento.

Jesus não transmitiu uma doutrina sobre o amor de Deus. Ele vive esse amor em seus gestos e atitudes. Deus não é fruto de raciocínio. Jesus chega a ele através de uma evidência experiencial⁷², próximo e ao mesmo tempo para além deste mundo. Esta experiência de Deus lhe deu uma visão contemplativa da vida. Ele lia o mundo sempre em sua referência a Deus. Ele sabia tirar uma lição divina dos fatos mais corriqueiros da vida. Jesus não fala de Deus em si como uma grandeza metafísica e fora do mundo⁷³. Refere-se a Ele sempre numa conexão com este mundo, portanto no interior de uma experiência.

Deus não necessita para si de pessoas e coisas. Ele necessita representantes seus no mundo, lugar onde se verifica a autêntica experiência de Deus, onde ela se faz verdade⁷⁴. No início de tudo está o encontro com Deus não ao lado, dentro ou acima do mundo, mas justamente com o mundo. Deus somente é real e significativo se emergir das profundezas de sua própria experiência.

Para quem percebe que Deus está em todas as coisas, tudo é manifestação do dom que é Deus, da gratuidade que é seu Amor. Quem experimentou o mistério de Deus não pergunta mais; vive simplesmente a

⁶⁹Cf. *Ibid.*, p.75.

⁷⁰Cf. *Ibid.*, p.77.

⁷¹Cf. RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: TaurusEdiciones, 1967,p. 20.

⁷²Cf. *Ibid.*, p.24.

⁷³Cf. *Ibid.*, p.60.

⁷⁴Cf. SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1992, p.105

transparênciade todas as coisas e celebra o advento de Deus em cada situação⁷⁵.

O ser humano que verdadeiramente experimenta Deus testemunha que Ele é superior. Ele é mistério que quanto mais conhecemos tanto mais percebemos a infinitude de sua compreensibilidade⁷⁶. Deus é absolutamente transcendente a todas as coisas existentes e possíveis de existirem. Por ser transcendente significa que tudo penetra e está presente em tudo. A Ele nunca vamos. Dele nunca saímos. Sempre estamos nele. Embora dentro, Ele está para além de tudo⁷⁷.

A transcendência de Deus não pode ser entendida como se estivesse acima do mundo ou fora do mundo. É um Deus sem mundo. E, sendo totalmente fora do mundo, Deus não é experimentável⁷⁸. É objeto da revelação, como irrupção dentro do mundo d'Aquele que está fora. Ele revela verdades e representações de si. Crer é crer em verdades sobre Deus. Deus se transforma em puro objeto da fé que nada sente de Deus, mas que adere a Ele num total despojamento e no ato de assumir doutrinas e representações de Deus. Diante de um Deus representado como distante, acima e fora do mundo, o ser humano não dobra joelhos, não junta as mãos, não abre o coração para a intimidade amorosa⁷⁹.

Essa idéia abala a valorização da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Não é um Deus que se esvazia com profundo amor para com o ser humano⁸⁰. Não assume a condição humana e conserva a majestade e a transcendência da divindade. A encarnação apresentada nos Evangelhos é pulverizada de seu caráter profundamente humano⁸¹.

Esta representação da transcendência divina como distância do mundo tem consequências desastrosas para a vida de fé. Por um lado estão as experiências da vida e do mundo e por outro a adesão às verdades abstratas sobre Deus sem se estabelecer uma correlação entre ambos⁸². A fé, ao invés de surgir do coração da vida, é sobreposta a ela. A Igreja aparece então como uma instituição centralizada na defesa do depósito de verdades reveladas e na proclamação de princípios morais distantes do concreto da

⁷⁵Cf. **Ibid.**, p.107

⁷⁶Cf. RAHNER, Karl. **Op. cit.**, p. 20.

⁷⁷Cf. **Ibid.**, p.21.

⁷⁸Cf. **Ibid.**, p.22.

⁷⁹Cf. RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé**. Paulus: São Paulo, 2004, p. 105.

⁸⁰Cf. **Ibid.**, p.105.

⁸¹Cf. **Ibid.**, p.110.

⁸²Cf. **Ibid.**, p.115.

existência⁸³. Não raro aterrorizam mais os fiéis e fazem a vida ainda mais triste ao invés de libertá-la para a entrega generosa e total do ser humano ao mistério de Deus. A pregação de um Deus sem mundo teve como efeito o surgimento de um mundo sem Deus.

A fé verdadeira sempre viveu e expressou Deus como Aquele que é mais íntimo de nós que nós mesmos⁸⁴. Deus está em todas as coisas. É Mistério que sempre se dá, mas também se retrai, sempre se revela e sempre se vela, se comunica, mas não se confunde com o mundo⁸⁵. Deus está no mundo, mas também para além dele⁸⁶.

Presenciamos hoje uma busca por experiências místicas. A espiritualidade é uma experiência mística. A mística é experiência fundante no ser humano desde que ele existe na face da terra⁸⁷.

Quais as razões dessa redescoberta da mística e da espiritualidade, hoje?

A realidade não é mais perceptível de um modo global. Toda nossa percepção do real é fragmentada e fragmentária⁸⁸. A resposta à pergunta “o que é a verdade?” nenhum de nós, individualmente, é capaz de dar, e talvez o silêncio de Jesus tenha sido porque a Verdade não poderia ser definida em palavras. A verdade estava na atitude de vida de Jesus. Esta era a Verdade⁸⁹.

Vivemos hoje no mundo da eficácia. E quando a espiritualidade é colocada neste contexto, raramente se fala de amor e de justiça. Amor entendido na sua dimensão mais profunda: ser capaz de aceitar e conviver com o diferente. A grande dinâmica do amor de Jesus é a ausência de qualquer atitude do tipo “todos têm que entrar no meu modelo”. Jesus percebe a universalidade de sua proposta, que é captada por outros que estão fora da visão e da lógica judaica⁹⁰.

Se o amor e a justiça se colocam como frutos objetivos, do ponto de vista subjetivos os frutos são a paz e o destemor. O contrário do medo não é a coragem, é a fé⁹¹. A experiência tem que levar a paz interior. A paz do cristão não se faz de muros ou de ausência de conflitos, mas da absoluta segurança de que Deus é senhor da nossa vida. Haja o que houver, não há

⁸³Cf. RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: Taurus Ediciones. 1967, p. 25.

⁸⁴Cf. **Ibid.**

⁸⁵Cf. **Ibid.**, p.24.

⁸⁶Cf. **Ibid.**, p.20.

⁸⁷Cf. BOFF, Leonardo. **Experimentar a Deus Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974, p.54.

⁸⁸Cf. **Ibid.**, p.30.

⁸⁹Cf. **Ibid.**, p.31.

⁹⁰Cf. **Ibid.**, p.86.

⁹¹Cf. BOFF, Leonardo. Betto, Frei. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 32.

nada que possa romper essa unidade. Portanto, destemor. Podemos medir como anda a fé pelo nível de medo que sentimos diante da vida. O destemor suscita a atitude profética⁹².

Estamos banhados pela Presença Divina que exige um recuo diante do real. O real não é só aquilo com que entramos em contato e pelo qual mediatizamos a nossa relação com os demais, a natureza e o trabalho⁹³. O real é também dotado de sacralidade, exige um recuo para que possamos apreender o seu fundamento. A experiência do silêncio diante do real é uma experiência que nós, ocidentais, não temos⁹⁴.

A espiritualidade corrente ou institucional privou-nos desse conteúdo na medida que doutrinou a experiência de Deus. Ficamos com a cabeça cheia de discursos sobre Deus. Sabemos falar de Deus, sobre Deus, e até falar com Deus. Mas somos analfabetos quando se trata de deixar Deus falar em nós⁹⁵.

O desafio que se coloca, à luz dessa visão do que é a mística, do que é espiritualidade, e dos fatores críticos da experiência da cultura religiosa que trazemos, é tentar trabalhar com outro olhar a leitura da espiritualidade, principalmente no Novo Testamento, e partilhar o que estamos desvendando em termos de possibilidade, vinculado a uma espiritualidade que tenha a transformação radical do mundo e das pessoas, hoje⁹⁶.

Em nossos dias reflete-se muito como viver a vida cristã neste mundo secular e quase totalmente dominado pela tecnologia. E se pode chegar à conclusão de que, sem a vivência profunda de Deus, Cristo e sua mensagem evangélica, qualquer tentativa de atualização e renovação religiosa, tanto dos indivíduos em particular como da Igreja no seu conjunto, será inútil, quanto não fatalmente fadada ao fracasso.

Mais e mais impõe-se a convicção de que não é suficiente contentar-se com o simples crer em Deus e nas verdades reveladas⁹⁷. Deve o conteúdo da fé transformar-se em experiência pessoal e em vivência subjetiva. Experiência e vivência dariam aos que as têm, um novo e maior vitalidade. Não somente satisfariam as necessidades puramente intelectuais, como ainda alimentariam o sentimento, os afetos e as emoções da pessoa. Em outros termos, tocariam

⁹²Cf. **Ibid.**, p.33.

⁹³Cf. **Ibid.**, p.34.

⁹⁴Cf. CASALDÁLIGA, Pedro;VIGIL, José Maria. **Espiritualidad de La Liberación**. Guatemala: Lascasiana, 1993, p. 55.

⁹⁵Cf. **Ibid.**, p.86.

⁹⁶Cf. BOFF, Leonardo;BETTO, Frei. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 34.

⁹⁷Cf. RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: TaurusEdiciones. 1967, p. 70.

profundamente o coração humano⁹⁸.

Ao olhar as grandes figuras religiosas do cristianismo, torna-se mais do que claro, e mesmo evidente, que a fonte e a raiz de suas vidas, atitudes e realizações foi sempre uma experiência íntima e profunda de Deus.

A experiência de Deus é condição indispensável de toda vida cristã. Sem ela os dogmas são andaimes rígidos, a moral uma armadura opressora, a ascese um rio seco, a prática religiosa um desfiar monótono de gestos estereotipados⁹⁹. A mística não assenta sobre o extraordinário, mas é a transfiguração do ordinário. Por isso o místico não tem segredos a contar ou confidências a fazer. Ele vê Deus em todas as coisas enquanto está sempre em busca de um Deus sempre maior do que Aquele que ele encontra¹⁰⁰.

A fé cristã não é uma religião de mistérios, mas de um único mistério: do mistério da auto doação de Deus ao ser humano, como verdade e como amor. Mistério da simplicidade foi denominado o cristianismo¹⁰¹. A experiência verdadeira e profunda de Deus convence quanto o mistério divino é simples e como simples não deve ser nosso relacionamento com Ele. É no fundo a experiência radical de nós mesmos, aberta e possibilitada por Deus mesmo¹⁰².

Ao longo do cristianismo floresceram muitas formas de experiência religiosa, alimentando-se em diversas fontes¹⁰³. Experiências ricas e religiosamente autênticas, que foram vividas por alguns dos maiores gênios religiosos da humanidade. Mas, se esses gênios religiosos foram também santos cristãos – e não o foram necessariamente – não foi a grandeza da sua experiência religiosa que os fez tais mas a radicalidade da sua experiência cristã de Deus. Inversamente, o estudo de certas formas de santidade cristã poderia mostrar uma experiência religiosa banal e pobre e uma profunda experiência de fé¹⁰⁴.

No momento em que as Igrejas cristãs perdem o privilégio que lhes pertenceu outrora, ao menos na cultura ocidental, de alimentar e gerir o campo da experiência religiosa ou o domínio do Sagrado, a vida cristã se vê forçada a refletir sobre a estrutura autêntica da experiência de Deus e a originalidade da forma cristã dessa experiência, como experiência de fé.

⁹⁸Cf. **Ibid.**, p.71.

⁹⁹Cf. **Ibid.**

¹⁰⁰Cf. EDWARDS, Denis. **Experiência Humana de Deus**. São Paulo: Loyola, 1995, p. 85.

¹⁰¹Cf. **Ibid.**

¹⁰²Cf. **Ibid.**, p.52.

¹⁰³Cf. CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. **Espiritualidad de La Liberación**. Guatemala: Lascasiana, 1993, p. 65.

¹⁰⁴Cf. **Ibid.**, p.71.

Estabelecer uma relação necessária entre a experiência humana de Deus como experiência do Mistério e a experiência cristã de Deus como experiência de sua Presença na linguagem da fé em Jesus Cristo: eis um dos problemas mais decisivos que se apresentam à vida espiritual do cristão no mundo de hoje, mundo dividido e confuso entre a razão operacional das ciências e das técnicas e a extraordinária proliferação de novas formas de experiência do Sagrado – de experiência religiosa – que irrompem vigorosamente à margem das enormes clareiras que a razão vai abrindo nos mistérios do universo e do ser humano.